

Credor pedirá que Brasil pague um terço dos juros

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — Os bancos apresentam hoje, às 10h, na sede do Citibank, uma contraproposta considerada pelos banqueiros credores como ortodoxa. Segundo uma fonte bancária, isso quer dizer que “até o dia 26 de outubro os bancos gostariam de ver o Brasil pagando um terço ou a metade dos juros atrasados desde 20 de fevereiro” (mais de US\$ 3 bilhões), ou seja, US\$ 1 bilhão a 1,5 bilhão, além de terem uma declaração formal do fim da moratória e o reinício do pagamento de juros mensais da dívida de médio prazo (no caso, US\$ 400 milhões por mês), para que haja um acordo provisório e o País não tenha que ser pressionado nas linhas comerciais ou interbancárias existentes.

Esta é parte da contraproposta

considerada ortodoxa pelos 14 banqueiros do Comitê Credor de Assessoramento da Dívida Externa Brasileira. Eles chamam também a contraproposta de convencional já que inclui pontos como linhas comerciais, créditos interbancários, pagamento ou alguma solução para os US\$ 30 bilhões de principal de 1986, 1987 e 1988, e dirão a Bracher e Milliet que dinheiro novo só com um acordo com o FMI e o Clube de Paris. Se o Brasil pagar algo substancial até 26 de outubro, os banqueiros se comprometem a estudar o que fazer com o total dos juros atrasados, excluindo-se o que o Brasil pagar.

Além disso, os banqueiros querem negociar **spreads** (taxas de risco) convencionais. Atualmente, segundo um credor, o Brasil paga uma mistura de **spread**, sobre a Libor, a taxa londrina, e a **Prime** americana, num total em torno de 9%. O México, que

foi ao FMI, está pagando menos de 8% e a Argentina em torno disso. No caso argentino, o Citibank libera semana que vem US\$ 750 milhões da primeira parcela do empréstimo de US\$ 1,9 bilhão de dinheiro novo.

Ninguém espera que a reunião de hoje tenha algum poder decisivo. Ela foi antecipada a pedido dos brasileiros que retornam à noite para o Brasil, depois de mais de uma semana de negociações em Washington e Nova York. Os banqueiros resolveram endurecer a posição, segundo uma fonte, quando viram que tanto o Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, como o negociador oficial, Fernão Bracher, não davam provas de querer um acordo, fazendo o pagamento de parte dos atrasados e saindo da moratória.

Os credores querem também dar tempo ao tempo para a situação política brasileira se estabilizar antes de

se comprometerem a um acordo de mais longo prazo, envolvendo conversão de dívida em capital de risco e trocando parte da dívida por bonus. “Ninguém deve ver esta reunião de hoje como algo crítico. Agora, vamos enfatizar que ou o Brasil sai da moratória ou vamos reduzir a extensão das linhas de comércio e interbancárias brasileiras no exterior. Depois de 8 meses, já houve tempo para o Brasil ter uma posição de negociação e não de conflito”, disse um banqueiro americano.

À última hora, os banqueiros cancelaram a reunião que teriam ontem (hoje) à tarde no Citibank, achando que os pontos da contraproposta já estão acertados. Bracher e Milliet levam a resposta dos bancos de volta ao Brasil e, dentro de uma ou duas semanas, deve haver alguma definição sobre a dívida externa brasileira de curto, médio e longo prazos.